

# O relato da experiência missionária nas cartas de Paulo

---

José Tolentino Mendonça

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

LISBOA

**RESUMEN** Pablo es un hombre de encrucijadas: vivió y trabajó en mundos distintos, hablando diferentes idiomas y experimentando diversas culturas heterogéneas, por no decir contradictorias. Adquirió una presencia, tanto física como por medio de sus cartas, en lugares muy alejados, hasta que finalmente terminó su travesía en Roma. Reflexionando pacíficamente desde lejos la historia de su vida, lo podemos clasificar como un verdadero trotamundos de la época antigua. Y este rasgo nómada es visible claramente en su personalidad: libre, viva, emotiva, impredecible, involucrada en todo tipo de conflictos y aventuras. Sin embargo, a pesar de tanto movimiento, el apóstol consiguió encontrar el punto central que da unidad a su misión. De hecho, la existencia cristiana, según Pablo, es una existencia metamórfica que se concreta creativamente mediante la transformación traída por Cristo.

**PALABRAS CLAVE** Pablo, experiencia misionera, identidad cristiana, universalismo.

**SUMMARY** *Paul is a “crossroads” man: he lived and worked in different worlds, speaking different languages and experiencing different cultures in heterogeneous, not to say, contradictory, human and political locations. He acquired a presence, both physical and through his letters, in far-off places, until eventually his journeying terminated in Rome. By reflecting on the far from peaceful story of his life, we can classify him as a real “world-wide traveler” from the Ancient World. And this “nomadic” streak is clearly visible in his personality: free, alive, emotional, unpredictable, involved in conflicts and adventures of all kinds. Nonetheless, in the midst of so much moving about, the Apostle managed to find a basic point of unity for the architecture of his mission. In fact, Christian existence, according to Paul, is a metamorphic existence which is located creatively in the transformation brought by Christ.*

**KEYWORDS** *Paul, Missionary Experience, Christian Identity, Universalism.*

Na ode que dedica à cidade de Corinto, Píndaro diz, a dada altura, que há um sentido em todas as coisas e um momento oportuno para colhê-lo (Olímpicas, XIII, 47-48)<sup>1</sup>. Naquele inverno de 55 ou de 56<sup>2</sup>, Paulo está em Corinto e vive um desses momentos. Oficialmente está em trânsito missionário, à espera de continuar viagem. E sabe-se que naquela época não era fácil encontrar um barco para transportar um viajante de um sítio para outro. Muitas vezes tornava-se “necessário esperar a oportunidade para uma partida”<sup>3</sup>, e aguardar inclusive por condições meteorológicas favoráveis. O chamado *mare clausum*, por exemplo, ia de Novembro a Março, uma inteira estação.

Retido em Corinto, Paulo passa em revista o que viveu e é impossível que o seu pensamento não se deixe prender no balanço da missão dispersa por viagens, bem e mal sucedidas, por inúmeros rostos amados, por acontecimentos, felizes ou hostis, onde tanto se consolidou a sua paixão pelo Evangelho de Cristo. No fundo, dedicou àquele oriente o melhor do seu esforço como missionário itinerante. Tinha-se entregue por completo ao círculo de comunidades que estabelecera à volta do mar Egeu, começando aí do zero, pois, como explica “*sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido*” (Rm 15,20). Mas sente agora que a sua actividade missionária naquelas paragens está prestes a concluir-se.

## I. CONFIGURAR E RECONFIGURAR A MISSÃO

Há que ler, contudo, este momento da vida de Paulo em profundidade. Quando ele declara a sua missão cumprida (Rm 15,23) não quer dizer que tudo esteja assente e resolvido. Aliás, Paulo tem vivido em extrema turbulência aqueles anos. E ele sabe que a crise que atravessa as suas igrejas,

1 PINDARO, *Olimpiche* (Garzanti, Milano 1981) XIII, 47-48.

2 O debate sobre a cronologia de Paulo continua a dividir os estudiosos. No caso desta estadia em Corinto há, por exemplo, quem a coloque no ano de 55 [é o caso de G. BARBAGLIO, *La Teologia di Paolo. Abbozzi in forma epistolare* (Dehoniane, Bologna 1999) 518], no ano de 56 [veja-se U. SCHNELLE, *Einleitung in das Neue Testament* (Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1994) 135], no ano de 57 [J. J. BARTOLOMÉ, *Paolo di Tarso. Un'introduzione alla vita e all'opera dell'apostolo di Cristo* (Libreria Ateneo Salesiano, Roma 2009) 403] ou mesmo de 58 [Bo REICKE, *Re-examining Paul's Letters: The History of the Pauline Correspondence* (Trinity Press International, Harrisburg 2001) 63].

3 C. REYNIER, “Les Voyages de Paul vus a travers les déplacements dans l'antiquité”: *Didaskalia* 1 (2008) 51-68, 59.

se é “provocada por intromissões externas, não deixa também de encontrar ressonâncias, para não dizer convivências, dentro das próprias comunidades”<sup>4</sup>. Claramente, a vulnerabilidade que estala nas comunidades paulinas tem a ver com o processo da sua constituição, alicerçado em torno daquilo que a historiadora Marie-Françoise Baslez designa como prática de “assimilação”<sup>5</sup>. Um corpo o mais heterogêneo que se possa pensar, em termos étnicos, sociais e culturais, teria, como se veio a verificar, naturais dificuldades em coincidir numa convergência estável. Os cristãos de Corinto não se entendiam quanto à circuncisão. Os de Colossos pretendiam manter a separação de mesa entre os cristãos vindos do judaísmo e os de extração pagã. Na Galácia guerreava-se por manter ou por abolir o calendário das festas judaicas, mesmo depois de Paulo lhes ter pregado a liberdade trazida por Cristo (“Ó Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou, vós a quem Cristo crucificado foi apresentado”, Gal 3,1). Paulo vai, assim, tomando progressiva consciência da necessidade de “sair da estrutura gruposcular”<sup>6</sup>. A missão cristã tem o seu dinamismo próprio e verdadeiramente depende de outro: “*Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer*” (1 Cor 3,6). Paulo visitou as suas Igrejas ao longo do tempo, manteve contactos directos, enviou-lhes os seus colaboradores, escreveu-lhes cartas, formou um grupo de responsáveis para garantir a coesão organizativa... Sente que fez a sua parte. A sua expectativa agora é que estas igrejas estejam, mesmo com todas as hesitações, preparadas para caminhar pelo próprio pé.

Neste inverno em Corinto, andando no movimentado porto que se abre sobre o mar Egeu ou recolhido em casa de Gaio (o seu provável hospedeiro<sup>7</sup>, um dos poucos cristãos daquela comunidade que teria baptizado pessoalmente – 1 Cor 1,14), Paulo tem o tempo interior necessário para reconfigurar a sua missão. Talvez mais do que em outras estações, Paulo é aqui “um homem livre e um apóstolo maduro”<sup>8</sup>. No intenso debate doutrinal com os seus adversários, teve oportunidade de testar a coerência, mas também de compreender certas insuficiências da sua própria pregação. O diálogo, nem sempre fácil, com as suas comunidades em crise permite-lhe aprofundar as razões essenciais da fé e do estilo de vida cristã. Andaria, agora, pelos sessenta anos de idade, o vigor

4 R. FABRIS, *Paolo. L'Apostolo delle genti* (San Paolo, Milano 1997) 377.

5 M.-F. BASLEZ, *Saint Paul* (Fayard, Paris 1991) 227.

6 *Ibid.*, 234.

7 R. FABRIS, *Paolo. L'Apostolo delle genti* (Paoline, Milano 1997) 379.

8 BARTOLOMÉ, *Paolo di Tarso. Un'introduzione alla vita e all'opera dell'apostolo di Cristo*, 404.

físico já não é o mesmo, e não lhe resta, porventura, muito tempo. Mas é um Paulo surpreendentemente sereno e esperançado aquele que encontramos. E se há preocupações que desfilam no horizonte, há novos projectos que se forjam.

## II. QUE MOTIVO PRESSIONAVA PAULO?

Talvez tenha acontecido que, logo ao início da sua missão, quando percorreu na Macedónia um troço da Via Inácia (Via Egnatia), essa colossal estrada militar romana que partia do Adriático e chegava até Tessalónica e Filipos, ligando Oriente e Ocidente<sup>9</sup>, Paulo tivesse pensado que, um dia, teria de percorrer aquela estrada até ao fim. Pelo menos, é isso que confessa na Carta aos Romanos quando refere que por diversas vezes alimentou o sonho de alcançar a capital do império (Rm 1,13). Mas o programa que agora se desenha não é exactamente esse: é maior.

Qualquer habitante da bacia do Mediterrâneo concordaria de bom grado com o notável Estrabão, para quem o fim do mundo habitado coincidia com o Oceano Atlântico: “o Promontório Sagrado é o ponto mais Ocidental, não apenas da Europa, mas de toda a terra habitada” (*Geografia* III.1)<sup>10</sup>. E é conhecido o gosto estratégico de Paulo em explorar as possibilidades das fronteiras. Porém, como defende, Jerome Murphy-O’Connor “é necessário supor a existência de um motivo teológico relevante, porque do ponto de vista prático a Espanha tinha bem poucos motivos que a recomendassem”<sup>11</sup>.

De facto, viajante avisado que era, deve ter reconhecido a complexidade de algo temerária de tal empresa. No Mediterrâneo oriental, Paulo movia-se num mundo cuja língua falava, e havia uma rede pré-estabelecida de instituições judaicas e de contactos de que se podia valer. Mas a diáspora judaica não se estendia a ocidente para lá da península itálica. Isso significava que não o esperavam muitos ouvidos preparados para compreender, através do conhecimento das Escrituras judaicas, o Evangelho de que lhes falaria. Nem

9 Veja-se o notável estudo de C. REYNIER, *Saint Paul sur les routes du Monde Romain. Infrastructures, Logistique, Itinéraires* (Cerf, Paris 2009).

10 STRABON, *Géographie* (Livres III-IV) (Les Belles Lettres, Paris 1966).

11 J. MURPHY-O’CONNOR, *Paul. A Critical Life* (Clarendon Press, Oxford 1996) 330.

haveria muitas bocas a falar Grego. A língua grega tinha resistido aqui e ali, em escassas colônias, ao longo da costa leste, mas o interior estava atabalhado por um número impressionante de dialectos ibéricos. O latim era a língua da administração romana, e é possível que Paulo a tivesse conhecido<sup>12</sup>, mas o mesmo não acontecia com uma parte significativa da população que ele sonhava encontrar.

Que motivo teológico pressionava Paulo naquele inverno em Corinto? Uma hipótese avançada por Spicq, e corroborada por outros autores, é que Paulo elegera como seu mapa missionário a própria Bíblia. Escreve Spicq: “para um antigo discípulo de Gamaliel, conhecedor a fundo da geografia religiosa descrita pela Bíblia, a extremidade do mundo ocidental era representada pela Espanha ou mais exactamente por Tárzis”<sup>13</sup>. Ora, Tárzis é uma das cidades pagãs mais vezes citada no Antigo Testamento: desde a tábua etnográfica de Gen 10,4, passando pelas peripécias do relutante profeta Jonas (Jon 1,3) à visão escatológica de Isaías que associa Tárzis à esperança messiânica: “*Virei para reunir todas as nações e línguas; e elas virão e verão a minha glória. Estabelecerei um sinal em seu favor, e enviarei alguns dos seus sobreviventes às nações: a Tárzis, aos líbios e aos lídios, famosos flecheiros, a Tubal, à Grécia, e às ilhas distantes, que não ouviram falar de mim e não viram a minha glória*” (Is 66, 18-19). Razões teológicas, culturais e geográficas permitem dizer que “um apóstolo consciente do dever de pregar o Evangelho a toda a criatura não podia não ter a Península Ibérica diante dos olhos”<sup>14</sup>.

### III. BUSCANDO APOIO MISSIONÁRIO?

E mesmo que não tenha pensado nisso, Paulo saberia que o território ocidental do Mediterrâneo era muito diferente daquele que conhecera como a palma das suas mãos. Não teria levado muito tempo a concluir de que lhe seria útil a experiência de quem estivesse mais perto desse admirável mundo novo. Roma emergiu então como a preciosa peça que faltava.

---

12 E. P. SANDERS, *Paul* (Oxford University Press, Oxford 1991) 10.

13 C. SPICQ, *Les Épîtres Pastorales* I (J. Gabalda, Paris 1969) 131.

14 SPICQ, *Les Épîtres Pastorales*, 133.

Roma não lhe era completamente estranha. Os seus fiéis colaboradores, Priscila e Áquila, provinham dessa Igreja. Eles trabalham ao lado de Paulo, primeiro em Corinto e depois em Éfeso (1 Cor 16,19). Há uma rede de relações que o capítulo 16 da Carta aos Romanos nos faz supor. Nesse capítulo, o apóstolo saúda vinte e seis pessoas, vinte e quatro das quais são tratadas pelo nome. Além disso, refere três igrejas domésticas (Rom 16, 5.14.15) e dois grupos de (ex)escravos (vv.10.11) que podem corresponder a outras duas. De Andrônico e Júnias, Paulo diz serem seus “parentes e companheiros de prisão” (v.7). A adjectivação de “caro amigo” (v.8) dedicada a Ampliato não pode não ser considerada, e muito menos o que Paulo diz a Rufo: que a mãe deste foi uma mãe para ele (v.13). Por outro lado, é natural que Gaio, o anfitrião de Paulo, tivesse conhecidos na comunidade de Roma, pois endereça-lhe saudações, e a ele associam-se dois irmãos, Erasto e Quarto, ambos com nomes greco-latinos, sendo que o primeiro tem a alta posição de “*tesoureiro da cidade*”. E também não faltariam em Corinto mercadores e viajantes de passagem capazes de levar e trazer informações. Assim, Paulo poderia estar confiante de que encontraria cumplicidades entre os companheiros de Roma. Que mais não fosse, quase todos eram formados no *ethos* cultural do Mediterrâneo oriental, onde a hospitalidade era regra sagrada.

Mas não se tratava apenas de suporte logístico ou linguístico, embora isso estivesse naturalmente na mente de Paulo. Se fosse apenas isso, talvez Paulo o encontrasse mais à mão, entre as comunidades por ele fundadas na Ásia Menor e na Grécia. Paulo precisava de outra coisa dos cristãos de Roma. A intenção dele era “envolver a igreja da capital do império nesta sua missão”<sup>15</sup>. Nesse sentido, interessa voltar com atenção às palavras que Paulo escreve: “*espero ver-vos passando por vós [em Roma] e por vós ser encaminhado para lá [Espanha], depois de ter gozado um pouco da vossa companhia*” (Rom 15,24). O modo como no Novo Testamento se usa o verbo *propempō*<sup>16</sup> (encaminhar, enviar, mandar) faz dele, escreve James Dunn, “quase um termo técnico para a provisão garantida por uma igreja como apoio missionário”<sup>17</sup>. Que desejava, então, Paulo? “Paulo tinha a expectativa que a comunidade de Roma pudesse assumir como sua a missão em Espanha, à maneira do que havia

15 FABRIS, *Paolo. L'Apostolo delle genti*, 378.

16 Cf. 1 Cor 16,16.11; 2 Cor 1,16; Act 15,3.

17 J. D. G. DUNN, *Romans (9-16)* (Word Books, Publisher, Dallas 1988), 872.

feito a comunidade de Antioquia com as suas primeiras missões”<sup>18</sup>. Paulo entendia-se como embaixador e a carta aos romanos pode bem assemelhar-se, diz Robert Jewett, a uma típica apresentação de credenciais<sup>19</sup>. Mas Jewett não tem dúvidas: o seu propósito é desencadear uma “missão cooperativa”<sup>20</sup> a fim de evangelizar as Espanhas.

Os desenvolvimentos críticos na Galácia e em Corinto, com o questionamento do seu estatuto de apóstolo e da sua autoridade, mostrou-lhe o perigo que representava poderem dizer dele que era, no fundo, um *outsider*, uma voz fora do coro, que só se representava a si próprio. Era preciso que existisse uma Igreja a suportar as novas fundações de comunidades, e que pudesse, pelo seu prestígio, exercer um magistério de autoridade. Paulo estava pronto a estabelecer que esta responsabilidade seria partilhada, mas precisava persuadir aquela comunidade a assumi-lo como seu delegado e a dar-lhe o mandato de missionário (Rm 15,24).

#### IV. UMA ABERTURA ENTRE DUAS POSIÇÕES

Como fazê-lo? É aqui que surge a Carta aos Romanos. A dizer a verdade Paulo nunca tinha escrito uma carta desse tipo. Todos os seus escritos anteriores tinham sido suscitados em diálogo com comunidades que Paulo conhecia directamente e constituíam muitas vezes resposta a problemas concretos. Que poderia ele, um desconhecido, dizer que interessasse a membros de uma Igreja estranha, na capital do Império? Paulo reveste-se de especiais cuidados. Com a ajuda de um secretário de nome Tércio (Rm 16,22), Paulo vai ditar em tom didáctico e com uma argumentação ponderada e universal uma espécie de manifesto das suas convicções. Já Orígenes observara que em Romanos, de forma diferente do que sucede, por exemplo, em Gálatas, Paulo não critica a fé dos seus destinatários<sup>21</sup>. A carta é pensada como a síntese do anúncio que o apóstolo vem há duas décadas fazendo, e que conhece agora uma apre-

---

18 M. PRIOR, *Paul, the Letter-Writer and the Second Letter to Timothy* (Sheffield Academic Press; Sheffield 1989), 135.

19 R. JEWETT, “Romans as an Ambassadorial Letter”: *Interpretation* 36 (1982) 5-20.

20 *Ibid.*, 9.

21 ORIGEN, *Commentary on the Epistle to the Romans* (The Catholic University of America Press, Washington 2001) I, 9.

sentação convenientemente orgânica e articulada, sem deixar de ser intensa e pessoal. Escreve Bornkamm: “A história pessoal de Paulo desde o momento da sua conversão e vocação, a história da sua vida, da sua actividade, da sua pregação e das suas lutas se repercutem de forma singularíssima nesta que é a mais importante das suas cartas: não apenas a sua história externa, mas também aquela interior e particularmente aquela do seu pensamento teológico. Mesmo se a carta regresse às questões e certezas iniciais que fizeram de Paulo um cristão, um servo de Cristo e apóstolo dos povos, ela mostra também como ele continuou a reelaborar o seu próprio pensamento”<sup>22</sup>.

Na carta, Paulo informa os Romanos de que tinha uma importante obra a realizar, mesmo antes de partir ao seu encontro. As suas Igrejas na Macedónia e Acaia tinham reunido um generoso pecúlio para a tão acalentada colecta destinada aos pobres de Jerusalém. Entregar oficialmente esses contributos na Cidade Santa, aos que ali presidiam à Igreja, seria o culminar do seu trabalho no Mediterrâneo oriental (Rm 15, 1-28). Mas a ideia de passar por Jerusalém deixa-o inquieto e sombrio. Isso transparece bem no pedido que Paulo faz aos seus destinatários romanos: *“rezem para que eu escape aos infiéis que estão na Judeia e que o meu serviço em Jerusalém seja bem recebido pelos santos de lá”* (Rm 15,31). Paulo tinha a certeza de que Tiago e a sua liderança estariam ao corrente da sua evolução teológica, da sua oposição à circuncisão e à lei, a ponto de se ter tornado, em alguns aspectos, uma antítese da perspectiva deles. Era, assim, mais do que razoável que Paulo se questionasse se Tiago aceitaria um presente ao qual ele estava tão intimamente associado. Só neste contexto crispado se pode compreender a apreensão de Paulo. É que já tinha experimentado, a atitude nacionalista de Tiago tanto pela positiva (Gl 2,3) como pela negativa (Gl 2,12) e estava ciente de que, um gesto que pudesse ser lido como o forjar de uma aliança com os Gentios, ou com o reconhecimento do seu estatuto, poderia redundar num desaire. Paulo não tinha certeza nenhuma acerca do desfecho desta sua empresa, até porque não sabia o quanto a comunidade de Jerusalém carecia efectivamente do apoio financeiro que ele levava.

É verdade que poder-se-ia ter feito representar nesta tarefa. As próprias Igrejas participantes tinham mandatado representantes e Paulo podia simplesmente ter-lhes confiado essa missão. A sua decisão de perseverar, apesar de ter consciência de que corria perigo de vida ou então que o seu gesto fosse

---

22 G. BORNKAMM, *Paulus. Siebente Auflage mit Literaturnachträgen* (Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart 1993) 110-111.



desautorizado, sublinha bem até que ponto Paulo considerava vital a relação entre as Igrejas Judaicas e as Gentílicas. Essa era a sua prioridade. Poucos como ele estavam então capazes de compreender o dano que representava o fosso crescente entre aqueles para quem Cristo era o âmago e aqueles para quem o próprio Cristo estava subordinado à Lei. No entanto, era desesperadamente importante abrir uma abertura na muralha que separava ambas as posições, por pequena que fosse. Paulo dispõe-se a jogar tudo aí. (mais importante , 135.ress, 1 de forma singular) Abbozzi in forma epistolare (Bologna: Dehonian, 1999), 1989), 135.ress, 1

Passado o inverno, quando reabrisse a época da navegação, o mais normal é que Paulo e os seus companheiros viajassem de barco de Corinto para Jerusalém. A viagem não deveria ser longa: um veleiro rápido, apanhando ventos favoráveis de noroeste, alcançaria o litoral Siro-Palestino em duas semanas. Em Jerusalém, só tinha que entregar a dádiva que levava e partir. Se tudo corresse bem, no fim desse Verão Paulo estaria a chegar a Roma. Mas a viagem começou a correr mal logo ali em Corinto, como que antecipando a reviravolta nos planos de Paulo. Lucas, de forma lacônica, fala de um complô a que Paulo teria escapado à tangente: *“quando ia a embarcar decidiu fazer a viagem através da Macedônia, visto terem os judeus armado uma cilada contra ele”* (Act 20,3). Norbert Hudedé explica-o assim: “Os barcos estavam cheios de judeus em peregrinação a Jerusalém. Bastariam alguns fanáticos a bordo para que Paulo fosse lançado ao mar. Paulo apercebe-se disso no último minuto, graças sem dúvida aos irmãos de Corinto”<sup>23</sup>. E foi assim que tendo esperado três meses por um navio, Paulo acabou por optar pela via terrestre (Act 20,3-21)!

## V. A MISSIONAÇÃO COMO OBRA DE UMA REDE ECLESIAL

Ao contrário daquilo que a imaginação cristã parece em traços largos ter favorecido, Paulo não foi um navegador solitário e auto-suficiente na extraordinária aventura missionária que o cristianismo de matriz paulina representou. A verdade é que ele sozinho não poderia levar a cabo a ingente e complexa

---

23 N. HUGEDÉ, *Saint Paul et Rome* (Les Belles Lettres, Paris 1986) 58.

tarefa da fundação e acompanhamento das comunidades. E não podia fazê-lo por três ordens de razões:

1) Uma primeira ordem de razões é de natureza teológica e eclesial. O trabalho em equipa não é uma inovação paulina. O testemunho mantido pelos evangelhos é que o próprio Jesus enviou os apóstolos dois a dois (Lc 10,1; cf. Mc 6,7). E não deixa de ser relevante que nos evangelhos, tal como nos Actos dos Apóstolos, o termo “apóstolo” compareça sempre no plural e nunca no singular. O próprio Paulo começou por ser um missionário ligado à rede da Igreja de Antioquia. Podemos dizer que Paulo continuou simplesmente a operar numa metodologia que identificara desde sempre a construção da identidade cristã.

2) Um segundo motivo prende-se com as modalidades de edificação das comunidades paulinas. No estudo que lhes dedica, Margaret Y. Macdonald sublinha duas palavras fundamentais: “experiência” e “processo”. Muitas vezes houve a tendência de olhar para a teologia de Paulo “num vácuo” como se a doutrina moldasse de forma directa (e algo abstracta) as comunidades. Ora a teologia de Paulo não se entende sem experiência, sem aplicação prática e sem processo. A sua teologia avança experimentalmente, dialogando com as circunstâncias históricas. Tem um ponto fixo: “o Messias crucificado e ressuscitado ocupa o centro do sistema simbólico paulino”<sup>24</sup>, recorda Macdonald. Mas tem também uma plasticidade que se justifica também pela multiplicidade de actores envolvidos na missão.

3) E temos, por fim, os constrangimentos pessoais do próprio Paulo. No retrato que os Actos dos Apóstolos traçam dele, o apóstolo é uma figura eminente, quase um enviado divino (como em Listra, se julgou que fosse – Act 14,5-18), capaz de actuar miraculosamente, possuindo altos dotes retóricos (Act 17,16), falando grego, hebraico e aramaico (Act 21,37; 22,2), podendo ser apresentado como a encarnação ideal de um judeu exemplar na fidelidade à Torá, crente em Cristo e súbdito leal do Império Romano, de que seria aliás cidadão. A tomar à letra os Actos, Paulo possuiria “uma elevada condição social” e “notáveis meios económicos para sustentar o seu nível de vida inclusive como propagandista da comunidade messiânica”<sup>25</sup>. Há que reconhecer

24 M. Y. MACDONALD, *Las comunidades paulinas* (Sigueme, Salamanca 1994) 332.

25 E. W. STEGEMANN – W. STEGEMANN, *Historia social del cristianismo primitivo. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo* (Verbo Divino, Estella 2001) 406-407.

que esta importante posição social atribuída a Paulo não recebe confirmação das Cartas Paulinas. Bem pelo contrário: “todas as afirmações de Paulo nesta matéria nos obrigam a pensar que Paulo tenha trabalhado manualmente para garantir o sustento próprio e que tenha recebido ajudas económicas alheias”<sup>26</sup>. O quadro traçado por R. F. Hock pode parecer demasiado cru, mas tem mais realismo histórico do que as imagens idealizadas de Paulo que subsistem. Diz ele: “Paulo era o fabricante de tendas muito mais do que habitualmente se imagina. Esta actividade absorvia a maior parte do seu tempo... A sua vida era, em grande parte, a vida de um homem empregado numa oficina...inclinado sobre a banca de trabalho como um escravo trabalhando conjuntamente com outros escravos”<sup>27</sup>. Podemos, por isso, concluir que Paulo tinha de recorrer a uma abundante rede de colaboradores para levar a bom termo as exigências da missão.

## VI. POR QUE É QUE OS HOMENS SE DESLOCAM?

O escritor de viagens Bruce Chatwin, que escreveu muito sobre o espírito da viagem, confessa na sua obra *Anatomia da Errância* que a pergunta-chave de que devemos partir é a seguinte: “Por que é que os homens se deslocam em vez de ficar parados?”<sup>28</sup>. Esta pergunta reconduz-nos ao centro do mistério do próprio homem.

“Por que é que os homens se deslocam em vez de ficar parados?” As viagens nunca são apenas exteriores. Não é simplesmente na cartografia do mundo que o homem viaja. Deslocar-se implica uma mudança de posição, uma maturação do olhar, uma abertura ao novo, uma adaptação a realidades e linguagens, um confronto, um diálogo tenso ou deslumbrado, que deixa necessariamente impressões muito fundas. A experiência da viagem é a experiência de fronteira e do aberto, de que o homem precisa para ser ele próprio. Nesse sentido, a viagem é uma etapa fundamental da descoberta e da construção de nós próprios e do mundo. É a nossa consciência que deam-

---

26 *Ibid.*, 407.

27 R. F. HOCK, “Paul’s Tentmaking and the Problem of His Social Class”: *Journal of Biblical Literature* (1978) 67.

28 B. CHATWIN, *Anatomia da errância* (Quetzal, Lisboa 2008) 99.

bula, descobre cada detalhe do mundo e olha tudo de novo como que pela primeira vez. A viagem é uma espécie de propulsor deste olhar novo. Por isso, é capaz de introduzir na nossa vida, e nos quadros da sua organização, elementos sempre inéditos que podem operar aquela recontextualização radical que, em vocabulário cristão, chamamos “conversão”. Muitas mudanças de paradigmas epocais (e também eclesiais) tiveram a ver precisamente com a experiência da viagem e da missão. Chatwin utiliza para isto a expressão “alternativa nómada”, expressão secular, mas que pode bem ser transportada para o domínio teológico e bíblico. Abraão é um viajante. Moisés descobre a sua vocação e missão como mandato de itinerância. Muitos dos profetas de Israel, de Elias a Jonas, viveram como exilados e banidos. Jesus não tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9,58), habitando e dando sentido a um trânsito permanente. Os seus discípulos são enviados como missionários pelas quatro partidas da terra (Mt 28,19). Paulo é o missionário das nações.

A experiência da missão define-se por uma extraterritorialidade geográfica e simbólica, sem cidade e sem morada, que permite a brecha, a abertura à revelação de um sentido maior. A viagem, quando vivida como evento missionário, torna-se por excelência o lugar de uma recondução a um centro. O sujeito que se desloca é chamado a trilhar o caminho fora de si como analogia e meio para percorrer um itinerário espiritual.

## VII. A ITINERÂNCIA DE PAULO

Paulo é um homem de encruzilhadas: viveu e operou em mundos diferentes, falando línguas e culturas diversas, em espaços humanos e políticos heterogêneos, para não dizer contrastados. Desenvolveu uma presença, mais continuada ou mais esporádica, em centros urbanos distantes, como Antioquia, na Síria, Éfeso, na Ásia Menor, Filipos, Corinto, Atenas, na Grécia, culminando a sua trajetória em Roma. Olhando para a irrequietude do seu enredo biográfico, podemos classificá-lo como um verdadeiro “corre-mundos” da Época Antiga. E esta marca “nómada” prolonga-se visivelmente pela sua personalidade: alternativa, viva, emotiva, transumante, inesperada, costurada em alterações, altercações e aventuras. Numa aproximação psicológica à figura de Paulo, G. Cirignano e F. Montuschi escrevem: “A visão complexiva

e unitária da vida afectiva de Paulo oferece um panorama completo dos sentimentos humanos. Há uma prevalência de sentimentos fortes, marcados, até punitivos; mas a esses fazem contraponto sentimentos intensíssimos de ternura, afectuosidade e reciprocidade<sup>29</sup>. O Apóstolo soube, no meio de tanta mobilidade, encontrar e partir de um ponto de unidade fundamental para a arquitectura da sua missão.

### VIII. A CONSTRUÇÃO DO MISSIONÁRIO PAULO

A formação do “*jovem chamado Saulo*”, como Lucas pela primeira vez o descreve (Act 7,58), mostra, de forma muito clara, como nele, progressivamente, se foram reunindo as condições necessárias para que se tornasse um peculiar missionário no seu mundo. Recebeu uma educação poliglota, longa e diversificada, com estadias em centros de cultura diferentes, o que lhe proporcionou uma visão do mundo estruturada a partir da sua matriz judaica, mas ao mesmo tempo aberta a esse Mediterrâneo Oriental e Ocidental, onde virá a circular intensamente<sup>30</sup>. Jerusalém provavelmente constituiu para Paulo, desde cedo, o seu ponto de ancoramento. Ali detém-se em anos de estudo (Act 22,3) e cresce na descoberta religiosa, inscrevendo-se no movimento farisaico (Act 26,5). Ali amadurece o que primeiro lhe parece ser o sentido radical da sua vocação (1 Cor 15,9). Mas, mesmo mergulhado na intransigência farisaica, que o coloca desde logo em linha de colisão com o movimento cristão, tem as condições de base para tornar-se o que depois será: um pensador de matriz mista, cuja proveniência abraça também o mundo grego, do qual ele escrevia e falava a língua, e por onde era capaz de viajar numa espécie de livre-trânsito, isto é, com naturalidade.

Sabemos como Paulo se desdobrou em viagens, das quais as suas cartas são o vestígio e o romance. Mas talvez seja importante não ficarmos demasiado impressionados pelo número de quilómetros que ele terá percorrido. Não es-

---

29 G. CIRIGNANO – F. MONTUSCHI, *La personalità di Paolo. Un approccio psicologico alle Lettere Paoline* (Dehoniane, Bologna 1999) 143-144.

30 “Paul represents the interface between Jew as a self-identical essence and Jew as a construction constantly being remade”. D. BOYARIN, *A Radical Jew. Paul and the Politics of Identity* (University of California Press, Berkeley 1994) 3.

queçamos que Paulo é fundamentalmente um missionário, isto é, um viajante funcional. Contrariamente àquilo que vemos nas crónicas de Alexandre ou doutras figuras do seu tempo, Paulo não tem a paixão da distância, nem aquela curiosidade infatigável do viajante que, como escreveu Baudelaire, “parte por partir”. Primeiro, ele “parte” porque se sente mandato do Alto: “*recebemos a graça de sermos Apóstolos, a fim de, em honra do seu nome, levarmos à obediência da fé a todos os gentios*” (Rom 1,5). Depois, como o testemunho das suas cartas bem o atestam, Paulo prefere desenvolver uma acção que, radicada num centro, possa irradiar; faz contínuos planos para regressar aos sítios donde partiu; e muitas vezes troca a estrada por uma situação local, que lhe serve durante um período para o seu trabalho de evangelização. As viagens de Paulo são funcionais, na medida em que os seus trajectos derivam de um objectivo missionário preciso. Fosse a Antioquia, a Éfeso, à Macedónia, Paulo era sempre conduzido pelo mesmo apelo<sup>31</sup>, cartografava as suas etapas a partir do projecto muito nítido da missão, utilizando as condições que o mundo romano de então lhe oferecia: os seus itinerários, a rede de relações familiares, as estradas romanas, os portos de navegação, a facilidade da própria língua – uma língua franca, global e de proximidade. Utilizando sabiamente estes meios<sup>32</sup>, Paulo viajava a partir de um sentido, de uma intencionalidade eclesial. Isso distingue a sua deambulação missionária de uma simples viagem.

## IX. MISSÃO E AUTOBIOGRAFIA

Como frequentemente acontece, a prática missionária confunde-se com a autobiografia. Também no caso de Paulo. A sua história tem claramente um segredo, um acontecimento que ocorre curiosamente enquanto ele “*estava a caminhar*” (Act 9,3), enquanto cumpria um itinerário de viagem que viria a ser transtornado e redimensionado: o encontro com Jesus.

Na Carta aos Gálatas, Paulo dá-nos, em primeira pessoa, o relato desse encontro, e fá-lo de forma extraordinariamente despojada, mas não menos

---

31 Cf. P. BERNETT, *Paul, Missionary of Jesus* (William B. Eerdmans, Cambridge 2008) 114.

32 Eles são muito bem descritos em BASLEZ, *Saint-Paul*, 331-336. Sobre as infra-estruturas, logística e itinerários do Apóstolo veja-se o recente REYNIER, *Saint Paul sur les routes du monde romain* (Cerf, Paris 2009).

intensa, descrevendo-o como um apelo, uma eleição que ocorreu já no seio materno, à maneira daquilo que acontece com os profetas. Trata-se evidentemente de uma experiência mística, contada com as categorias que um judeu piedoso poderia perceber. “*Mas, quando aprovou a Deus – que me reservou desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar em mim o seu Filho, para que O anunciasse entre os gentios...*” (Gal 1,15-16). Paulo pensa de modo particular no livro de Isaías (49,1) e no livro de Jeremias (1,5), e sonda o seu próprio destino como um chamamento desde o princípio. Para explicar este acontecimento transformante, Paulo usa o verbo *apokalúpto* que quer dizer “Deus descobre o que estava escondido e o revela”. Trata-se de uma cristofania. Evidentemente esta revelação gerará rupturas de paradigma tanto na ação de Paulo, como na sua existência e identidade.

As cartas, no seu conjunto, funcionam como uma espécie de “romance de si”, na medida em que nos permitem conhecer o seu autor. Nesse sentido, é óbvio que Paulo não teve propriamente a intenção de desenhar uma autobiografia sua, mas podemos compreender que ela se vai desenhando, pois as suas cartas representam um magnífico espelho para entrevermos a sua missão. Além disso, as indicações biográficas, em sentido estrito, ocupam um lugar nada negligenciável neste corpo epistolar: de modo particular, alguns versículos da 1Tes (1,1-10); o capítulo 16 da 1 Coríntios, o arranque da 2 Cor bem como os capítulos 10 a 13, os capítulos 1 e 2 da Carta aos Gálatas, os capítulos 15 e 16 da Epístola aos Romanos, bem como alguns incisos de Filipenses (4,10-18, por exemplo). Todos estes traços autobiográficos têm por finalidade explicar a natureza da sua missão e legitimar o seu apostolado. Concentram-se numa série de provas (ou provações) que atestam a originalidade e o impacto da sua gesta missionária.

## **X. O OLHAR NOVO DO MISSIONÁRIO PAULO**

Ora, enquanto missionário Paulo é capaz de olhar de forma nova e profética a forma habitual do mundo e emprestar uma nova plástica à mor-

fologia do tempo<sup>33</sup>, mesmo do tempo eclesial. Enumeremos apenas alguns dos seus contributos:

1) O mundo greco-romano que Paulo conhecia, era dominado pelas oligarquias. Os cidadãos dotados de direitos políticos representavam uma pequena minoria – calcula-se à volta de dez por cento do total da população. Esta nomenclatura constituía sociedades predominantemente homogéneas, defendidas por fronteiras muito rígidas. A mobilidade das pessoas e a cooperação entre classes ou os relacionamentos mistos eram olhados com grande reserva, se não mesmo com repúdio.

Paulo, enquanto sujeito alcançado por Jesus, vai ter a capacidade de pensar numa configuração diferente, inclusiva e universal. Ele arrisca, por exemplo, olhar para a cidade – e não nos podemos esquecer que, com Paulo, o cristianismo é urbano pela primeira vez<sup>34</sup> – com a liberdade de aproximar o distante, de reunir no mesmo corpo social aquilo que é diferente: “*não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Jesus Cristo*” (Gal 3,28). Este perspectivar da convivência social, não já em dialéctica, mas numa corajosa dinâmica integradora, é de facto algo novo, que só uma heterodoxa missão podia permitir. Um exemplo fortemente esclarecedor é a própria palavra *ecclesia*/Igreja. Ela tem uma possível conotação política, porque a *ecclesia* originariamente era o conselho dos homens bons que conduzia a cidade. Paulo vai utilizar essas categorias societárias e políticas, mas emprestando-lhes um conteúdo novo. A Igreja emerge como um inédita comunidade sem fronteiras. A palavra *ekklesia* nunca foi, por isso, para Paulo uma definição oca. A dupla Stegemmann, na sua *História social do cristianismo primitivo*, escreve: “Com o termo neo-testamentário *ekklesia* ligam-se dois traços constitutivos que são fundamentais para a sua análise enquanto forma organizativa: a *ekklesia* dos crentes em Cristo é uma assembleia, na qual os seus membros convergem conjuntamente, e é também uma

---

33 «Le voyageur devient le symbole de l’homme en recherche». M.-F. BASLEZ, *L’étranger dans la Grèce Antique* (Les Belles Lettres, Paris 1984) 266.

34 Veja-se o já clássico ensaio de W. MEEKS, *The First Urban Christians: the Social World of the Apostle Paul* (Yale University Press, New Haven 1983).



comunidade ou grupo, cujos membros estão ligados por recíprocas interações sociais também fora e para lá das efetivas reuniões”<sup>35</sup>.

2) Paulo chega ao cristianismo em dramática contramão, quando nada o fazia prever, implicando tal uma reviravolta completa do seu destino. Não é por acaso que Lucas o descreve “*caído por terra*” (Act 22,7), ferido por uma cegueira funcional (como se tivesse de reaprender o que significa ver) e levado por outros, pela mão (Act 22,11); ou que a sua própria história o torne objeto de surpresa e desconcerto para os demais: “*aquele que já nos perseguiu anuncia agora a fé que antes destruía*” (Gal 1,23), diziam os cristãos da Judeia. O cristianismo começa em Paulo pela operação necessária de instauração ou de re-instauração do sujeito crente. Assim, a lição de Paulo é que cristãos não somos, mas sim nos tornamos, obrigando-nos a romper com o conformismo teológico de um cristianismo como dado adquirido, que se dá meramente por descontado, “como se ser cristão fosse a coisa mais óbvia deste mundo”<sup>36</sup>. Pelo contrário: o crer passa com Paulo a ser regido e modalizado por uma experiência de transformação. Como escreve ele na Segunda Carta aos Coríntios: “*todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados (metamorphoumetha) nesta imagem*” (2 Cor 3,18).

Um marcador desta nova identidade transformada é o baptismo, que na perspectiva de Paulo se compõe de dois elementos: um processo de radical assimilação que leva os batizados a viver “*para Cristo*” (*eis Christō*) e, conseqüentemente, uma ética da transformação que os conduz, no decorrer da história, a ousar viver uma vida nova e peculiar, uma vida de batizados “*em Cristo*” (*en Christō*). Aqui as preposições (*eis*: para; e *en*: em) têm uma semântica efetiva a que é preciso atender. Michel Bouttier recorda, justamente, que em momento algum Paulo fala do baptismo “em Cristo” (*en Christ*), mas refere constantemente o baptismo *eis Christō*, isto é, em vista de Cristo, na direção de Cristo<sup>37</sup>. A preferência do apóstolo pela preposição *eis* reside no facto de uma deslocação (uma incorporação, uma transformação) estar

35 STEGEMANN – STEGEMANN, *Storia sociale del cristianesimo primitivo. Gli inizi nel giudaismo e le comunità cristiane nel mondo mediterraneo*, 445.

36 R. PENNA, *Essere cristiani secondo Paolo* (Marietti, Casale Monferrato 1979) 16.

37 M. BOUTTIER, *En Christ. Étude d'exégèse et de théologie paulinienes* (Presses Universitaires de France, Paris 1962) 37.

aqui implicada, à maneira de um “movimento que nos leva para Cristo, nos introduz Nele e Nele nos mantém”<sup>38</sup>. O batismo não se apresenta como um estático estar “em Cristo”, mas como o prólogo de uma existência em aberto e em processo, a ser vivida dessa forma, existência animada pelo dom do Espírito: “*todos os que em vista de Cristo (eis Christō) foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*” (Gal 3,27-28).

O acontecer de Cristo na vida de cada um torna-se uma realidade tão transformante que introduz uma radical contestação identitária. Há uma relativização das fronteiras de gênero, étnicas ou de cidadania. A transformação cristológica que instaura o sujeito crente determina assim uma contínua “metamorfose das pertenças”<sup>39</sup>. A existência cristã, segundo Paulo, é uma existência metamórfica, que habita criativamente a transformação trazida por Cristo. Crer em Cristo significa participar do dinamismo de vida que está escondido e ao mesmo tempo revelado no acontecimento da Sua ressurreição. É uma novidade total, tornada possível apenas pela iniciativa de Deus. Compreende-se assim o vocabulário da “nova criação” (*kainē ktisis*) aplicado metaforicamente à existência dos crentes (2 Cor 5,17; Gal 6,5). Esse exprime de uma forma plástica a novidade escatológica que doravante determina a sua existência. O que é um cristão para Paulo? É um sujeito crente em construção, é uma escolha de viver em estado de processo, de viver ao mesmo tempo a plenitude e o inacabamento, o tesouro e o barro, a esperança e a experiência. Um cristão para Paulo nunca é um assunto arrumado, resolvido de uma vez por todas: mas é aceitar habitar uma tensão, um fazer e refazer permanentes, sabendo que a fé que temos é frágil e incompleta.

3) Paulo adota em grande medida os modelos de convivência social do mundo romano, mas adaptando-os, purificando-os a partir da antropologia cristã e da novidade de Jesus Cristo<sup>40</sup>. Por exemplo, Paulo é por vezes criticado por não ter sido mais explícito em relação à escravatura. Mas na Carta a Filémon, Paulo é muito claro: por um lado parece manter um certo conformismo

38 *Ibid.*, 36.

39 Cf. P.-M. BEAUDE, *Saint Paul. L'oeuvre de métamorphose* (Cerf, Paris 2011).

40 Mesmo com teses radicais que fazem de Paulo um opositor ao Império Romano, é interessante ler R. A. HORSLEY, *Paul and the Roman Imperial Order* (Trinity Press International, Harrisburg 2004).

social, mas por outro incendeia de novidade o seu discurso e a realidade da História, dizendo que o dono e o escravo se devem reconhecer como irmãos. Paulo dissemina elementos fundamentais de novidade cristã, ousando uma configuração nova do mundo e das relações, mostrando a possibilidade de ser cristão para lá das fronteiras estritas do judaísmo ou do helenismo. Com Paulo, nós percebemos que é a própria experiência cristã que se torna missionária, é a própria experiência cristã que viaja.

Igual novidade repercute-se na luta em que Paulo se envolve para que a mesa seja um reflexo da convivialidade fraterna e igualitária, e não já das assimetrias e das exclusões. A ruptura que Paulo ensaia com Pedro a esse propósito, na Carta aos Gálatas, vale mais do que mil palavras (Gal 2,11-14).

Sabemos como a mesa é um espaço, por excelência, das identidades e da sua salvaguarda. A mesa é um lugar exclusivo. E a grande revolução cristã é transformar a mesa num lugar abrangente<sup>41</sup>, num espaço de abertura, onde as nossas identidades se reinventam a partir da universalidade do encontro.

4) Paulo é talvez aquele que, pela primeira vez, separa no Mundo Antigo a religião da cultura. A religião tinha um ligame fundamental com a cultura. Pertencia-se a uma determinada religião, por ter nascido numa família precisa, segundo um determinado extracto humano, numa classe, numa nação. De certa forma, eram as fronteiras sociais e culturais a definir uma pertença religiosa. Quando, por exemplo, a meio do segundo século antes de Cristo, se dá a revolta dos Macabeus, isso, em grande parte, era um acto de resistência à invasão cultural que o helenismo pretendia, porque o judaísmo não se imaginava sem estar assente num quadro cultural muito estrito.

Paulo actua de forma muito diferente. Quando na Primeira Carta aos Coríntios, ao capítulo 8, Paulo se detém longamente a falar da alimentação, da regulação alimentar e da possibilidade ou não de comer as carnes sacrificadas aos ídolos, a questão de Paulo já não é de discriminação, mas de distinção<sup>42</sup>. Para ele a religião está dependente da adesão pessoal a uma pessoa e a um destino, o de Jesus.

O filósofo Alain Badiou publicou, nos finais do século XX, uma reflexão entusiasta sobre a figura de Paulo a que intitulou “São Paulo. A fundação do

41 Cf. R. AGUIRRE, *La mesa compartida. Estudios del NT desde las Ciencias Sociales* (Sal Terrae, Santander 1994).

42 Cf. A. RAKOTOHARINTSIFA, *Conflits à Corinthe. Eglise et société selon I Corinthiens* (Labor et Fides, Genève 1997) 35-38.

Universalismo”<sup>43</sup>. A universalidade que Paulo prega não vem do que é inerente e consubstancial ao indivíduo (a sua pertença a uma família, a uma nação, a uma língua... traços que são necessariamente particularistas), mas de um Evento. O que produz a verdade sobre o homem e sobre todos os homens é agora um Evento e uma Proclamação que contrastam com a multiplicidade dos particularismos: a Morte e a Ressurreição de Jesus. A verdadeira universalidade constrói-se no compromisso com esse acontecimento que para Paulo é a chave de toda a história.

## XI. PAULO, MISSIONÁRIO DE CRISTO

O acontecimento de Cristo inaugura na vida de Paulo um estágio radicalmente novo. Quando Paulo pensa o que é a sua própria existência e a existência do homem no mundo, já não a dissocia da revelação pascal de Cristo. Ele descobre que nós somos por Ele. É por Cristo que nós somos, no Pai e no Espírito. Cristo, pela sua morte e ressurreição, introduz-nos numa relação nova e dinâmica com Deus. Temos acesso à Sua intimidade. É interessante a palavra *prosagogé* – acesso – que nos é citada tanto em Romanos 5,2, como em Efésios 3,12. A etimologia desta palavra liga-se ao ritual que, nas cortes, levava os íntimos do rei a ter com ele uma proximidade directa, que, claramente, a maioria dos súbditos não teria. Cristo é aquele que nos dá esse acesso à intimidade do Pai. E é a esta luz que a existência humana pode verdadeiramente ser qualificada de nova.

Evidentemente isto não nos dispensa do caminho da provação e da dificuldade das múltiplas provas. A vida de Paulo, como a de todo o missionário, é uma vida recheada de durezas, de factos inesperados, de contrariedades. Mas a fé investe perseverança e esperança na duração. A razão desta confiança é a superabundância, a plenitude, o *pleroma* inultrapassável da graça de Cristo. Somos associados à missão de Cristo e a nossa existência torna-se uma existência crística. Paulo retira daí todas as consequências e faz da dicção missionária do Mistério Pascal o centro da sua práxis e da sua teologia.

---

43 A. BADIOU, *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (PUF, Paris 1997).